

diálogos insurgentes

## **“A minha vida vale menos que uma pelota de minério”: ser mulher negra e trabalhadora atingida por barragem no sexto ano do crime da Vale-Samarco- BHP**

**“My life worths less than a pellet of ore”: being a dam  
affected black and worker woman in the sixth year of  
the crime of Vale-Samarco-BHP**

Simone Maria Silva

Movimento dos Atingidos por Barragens, Barra Longa, Minas Gerais, Brasil.

Submetido em 31/07/2021. Aceito em 31/07/2021.

**insurgência**

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 7, n. 2, 2021  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## **“A minha vida vale menos que uma pelota de minério”: ser mulher negra e trabalhadora atingida por barragem no sexto ano do crime da Vale-Samarco-BHP \***



No dia 5 de novembro de 2015, eu tive a minha história apagada, eu tive a minha comunidade arrasada. Porque eu sou da comunidade de Gesteira. Eu fui criada na comunidade de Gesteira. Eu sou atingida pela mineração desde quando estava na barriga de minha mãe. Nem imaginava – eu fui atingida há quarenta e três anos quando passou a primeira pelotização, o primeiro mineroduto da Samarco. Minha família foi atingida. Meus avós, meus pais. Tiveram, ali, toda a sua comunidade revirada, destruída. As ruas todas cheias de buraco, as crateras nas ruas... Mas o povo não sabia. Achava que era mesmo o progresso que estava passando ali, que aquilo era necessário.

Quando as empresas mineradoras vão chegar no território: “Êpa! progresso tá chegando! Vamos ter melhorias na escola, nas estradas, vamos ter muitos empregos na sua comunidade. A comunidade toda vai trabalhar. Vai ser uma melhoria muito linda, maravilhosa.” Aí, a gente enquanto leigo: ê! até bate palma. Mas não sabe, né? Estamos vendendo a nossa alma pro diabo. Como se o diabo chegasse na figura de um anjo de luz e pedisse para a gente assinar um contrato com ele. E nós leigos, sem saber, a gente acaba fazendo isso. Estamos, assim, assinando a nossa sentença de expulsão do nosso território, porque é isso que acontece.

A gente tem militado sob o progresso que não é progresso. O progresso é uma palavra tão-tão-tão... Quem escuta: “ai, Jesus, eu quero participar do progresso”. Quero não, gente! Progresso não é para mim. Não é para nós. Infelizmente. O progresso é para os capitalistas, para os estrangeiros que estão lá fora, para os acionistas da Vale. Matar para as mineradoras gera muito mais lucro do que conservar as vidas.

---

\* Este documento foi produzido entre os meses de maio e julho de 2021 a partir de conversações sobre a luta das populações atingidas em Barra Longa realizadas entre Simone Maria Silva, atingida pelo rompimento da barragem de Fundão em Barra Longa/MG e militante do Movimento dos Atingidos por Barragens, e Guilherme Cavicchioli Uchimura, membro da equipe editorial da revista InSURgência responsável pela transcrição mediada da voz de Simone, bem como pela edição e pela finalização gráfica do texto.

Meu avô, minha mãe e meu pai, minha família, falavam assim: “Olha, lá em cima tem um monstro. E se um dia esse monstro romper, ele acaba com tudo que tá aqui embaixo, ele destrói tudo que nós levamos ano para construir, ele mata os nossos”. Na época se falava que era uma represa que tinha lá em cima, que ela era um monstro. Eu escutava meu avô falando assim. O rio ficava todo vermelho, sujo direto, os peixes boiavam no rio. O pessoal falava assim: “ó! a Samarco soltou minério lá em cima hoje”. Eu tenho quarenta e três anos, eu era pequenininha. Eu cresci ouvindo isso. A gente não sabia de nada.

Quando veio o primeiro mineroduto, passou dentro da comunidade de Gesteira, arrasou as comunidades, a comunidade toda. Quem tinha plantação de milho, feijão, passavam em cima de tudo, destruíam tudo, e a gente não tinha direito nenhum. Porque a gente não sabia o que era o direito, que a gente tinha direito de ter direito. Pra nós, a mineradora era deus. Nós não éramos nem o anjo. “Ah, a gente era o anjo do processo”. Não! Nem o anjo a gente não era ninguém.

Mas aí mal sabia o meu avô que, treze anos após a sua morte, a profecia se cumpriu, né? É! – destruiu realmente. O monstro tava lá em cima. O monstro tinha vida. O monstro se rompeu. Aquilo que ele contava não era um conto, não era um mito. Realmente este malvado deste monstro estava lá. Igual este monstro estava lá, têm outros monstros lá em cima, que a gente não sabe o que vai ser do futuro. E têm outros monstros em outras comunidades. O monstro tem vida, o monstro é ganancioso, o monstro é capitalista.

Apagou realmente a minha história, a história da minha família, das comunidades abaixo da barragem. Destruiu mesmo, tudo o que a minha avó levou 80 anos pra construir foi embora em questão de segundos. São segundos. Vocês não têm noção o que é você ver a sua moradia, a sua casa, a sua história sendo levada. Minha avó ficava assim: “ah, meu sofá descendo ali, as minhas vasilhas”. Porque, em roça, quem conhece roça sabe, têm aquelas prateleiras com aquelas vasilhas todas, assim, ariadas, brilhando nas prateleiras. “Ah lá minha panela, meu tacho, minha vasilha, ali descendo ali”.

Mas se você olhar para a empresa: “nossa! não foram atingidos, são aproveitadores.” O juiz disse que nós somos aproveitadores, nós queremos enriquecer através das mineradoras. É assim que eles dizem. Vale-Samarco-BHP. Por isso ele senta com eles. Porque “nós somos aproveitadores”. Destruiu, matou o meu tio e a minha avó – eu já disse que eles foram assassinados. Porque, assim: destrói a minha comunidade, aí a minha avó é trazida para Barra Longa, e meu tio é trazido para uma cidade vizinha.

Só que ele nem na cidade ficou. Foi colocado em uma roça sozinho, onde não tinha nem um cachorro de vizinho.

Começou-se a depressão por conta pela separação, aquela angústia, foi ficando doente, foi ficando debilitado, deu uma depressão muito grande. Aí, eu, um dia, percebi o que estava acontecendo com ele. Falei: “ô, tio, posso marcar um médico para o senhor, que o senhor não tá bem?”. Ele falou assim: “ô, Simone, não sei o que que tá acontecendo – eu tô morrendo, e ninguém vê que eu tô morrendo?”. Numa entrevista ele disse assim: “a minha vida vale menos que uma pelota de minério”.

O meu tio morreu em 18 de novembro de 2018. Aí a minha avó fica muito triste. Quando é dia 25 de janeiro de 2019, que houve o crime da Vale em Brumadinho, a minha avó tava assistindo televisão. Eu fui na casa dela, ela falou assim comigo: “ô, Simone, cê viu que é que aconteceu lá em Brumadinho de novo? igual aqui só que lá, né, minha filha, foi pior que lá morreu mais gente”. Eu falei assim: “ô, vovó, Deus vai abençoar que essas pessoas vão estar perdidas no mato, que elas vão ser encontradas, não vai ser isso tudo de pessoas que foram assassinadas”. Ela falou: “ah, minha filha...”.

Pronto. Aí vim embora umas dez horas, quando foi dez e meia minha tia me ligou: “mamãe não tá bem, tá muito cansada, com falta de ar, tô levando ela pra UPA”. Levou vovó pra UPA aqui, daqui encaminhou pra Ponte Nova, e a minha avó foi devolvida pra gente no dia 20 de março dentro de um caixão. Com três meses eu enterrei a minha avó e meu tio.

Como o tempo foi muito curto, com três meses nós passamos na frente do esqueleto da casa da minha avó, pra ela despedir de uma coisa que ela nunca mais ia ter. Quando você chega no cemitério, você imagina a mesma cova que seu tio foi sepultado, aberto o caixão do seu tio ali, esperando o caixão da sua avó, porque eles foram enterrados em uma mesma cova, um em cima do outro.

A Vale gasta milhões em propaganda no horário nobre, nos horários do Jornal Nacional, que “a reparação está acontecendo”. Isso não chegou, nem em mim, nem em meus companheiros ao longo da bacia. Eu me tornei militante por causa do crime, por causa do rompimento. Eu aprendi que eu era sujeito de direito a partir do momento em que eu entrei na militância. Os movimentos sociais empoderaram o atingido, levam o conhecimento ao atingido, dão voz ao atingido, e é isso que eu aprendi ao longo de seis anos. Porque a Vale não vai contar pra vocês, a mídia não vai dizer pra vocês. A Vale vai dizer que a reparação está acontecendo. Ela não vai dizer que o processo de reparação separa, mata, destrói.

Eu sou mulher, eu sou negra, eu sou de alto de morro. Por ser negra e pobre, é pior ainda, porque “negro não pode ter espaço de fala”, “negro não pode falar nos

espaços”, “negro não pode adquirir empoderamento”. Não desfazendo dos meus companheiros, da minha raça, que trabalham de serviços gerais. Eu já trabalhei muito de serviços gerais. Na época do crime eu trabalhava de serviços gerais ainda. Foi nesse momento de tanta luta, de tanta dificuldade, de tanta reviravolta na vida, que eu estava estudando. Eu comecei a faculdade justo em setembro de 2015. Mas a sociedade acha que a gente tem que ficar só com o umbigo garrado no fogão e na pia, que nós não podemos ocupar lugar de fala. É por isso que eu fui obrigada a aprender a gritar pra eu falar pra vocês.

## I Violência, luta e organização em Barra Longa

A gente não fala o crime de Brumadinho, o crime de Mariana. Quando você é atingido, o seu jeito de falar é diferente. É o crime da Vale *em* Mariana, o crime da Vale *em* Brumadinho. Brumadinho não cometeu crime, Mariana não cometeu crime. Quem cometeu crime foi a Vale, que é reincidente. A minha comunidade foi varrida. A minha história. Com três meses eu enterrei a minha avó e meu tio, que morreram de depressão e de tristeza, por não aguentarem esperar o processo da reparação que nunca chega.

Eu faço parte da Comissão de Atingidos de Barra Longa e do Coletivo de Saúde dos Atingidos de Barra Longa. Quando você é atingido, a gente aprende a se organizar coletivamente. Barra Longa é hoje tida como um exemplo para a Bacia. Barra Longa é uma cidade que tem a Comissão dos Atingidos, que aprendeu a se organizar no MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens. Eu sou militante do MAB, me tornei militante após o crime da Vale-Samarco-BHP. São as três que não podemos deixar de gritar. E já que isso aqui é um espaço de grito dos atingidos, é o *crime da Vale-Samarco-BHP*.

Barra Longa se organizou no MAB, coletivamente. Aprendeu a fazer a luta, aprendeu a brigar, aprendeu a gritar. Brigamos e gritamos muito para que tivéssemos direito à assessoria técnica. Nós trabalhamos com grupos de base. Temos 21 grupos de base organizados no MAB junto com assessoria técnica. Cada comunidade atingida, cada rua atingida tem seu grupo. Tem os momentos de reunião, de trazer quais são as suas demandas.

Ao longo da bacia do rio Doce só três cidades têm a assessoria técnica. Só três cidades conseguiram se organizar coletivamente e fazer a briga pela assessoria técnica. Ao longo da bacia, o pessoal continua lutando, se organizando, tentando resistir pelo direito à assessoria técnica. O juiz deu na época sentença favorável à criação das

assessorias, mas nada aconteceu. O pessoal continua nesse processo desenfreado de retirada de direitos.

Para nós são seis anos, mas quantos crimes na mineração já aconteceram? Fala-se cinco e pouco, mas quando você é atingido na sua alma, até a alma nossa é atingida, eu já falo seis anos e tanto. Se for olhar a realidade, parece muito mais do que seis, porque você perde a sua vida, você perde sua identidade, acaba tudo ali. Quantos crimes vão acontecer ainda na mineração? E não se fala em saúde das pessoas. Não é só saúde dos atingidos que estão ao longo de onde a barragem se rompe. Tem também os trabalhadores que trabalham dentro da mineração, que são expostos todos os dias. Hoje a minha filha é uma das contaminadas com os metais pesados, metais tóxicos da Samarco-Vale-BHP. Pela lama que desceu ao longo da Bacia do Rio Doce, que chegou lá na foz do Espírito Santo. Imaginem os trabalhadores que estão expostos lá, dia e noite, noite e dia, ao longo de muitos anos.

A gente tem que fazer uma leitura do cenário em que nós vivemos. Não adianta eu ser atingida só na comunidade de Gesteira, ficar com meu umbigo ali, só na comunidade de Gesteira. Eu não vou saber que acontece no mundo. Eu preciso fazer uma leitura. As retiradas de direitos que estão fazendo são porque elegeram um presidente com uma *fake news*. Que a partir do momento que esse presidente foi eleito, aconteceu esse desmanche. A nossa luta é de classe. A nossa luta é por sobrevivência, é por espaço, é por resistência. A gente tem que ser resiliente sempre. Eu costumo dizer: “seguimos em luta pra poder resistir”.

Ser sujeito da sua história é isto: é você que vai ditar as regras da sua vida, de como você se porta na sociedade, de como você quer que a sociedade te respeite, de como a sociedade te reconheça. Você luta, luta, luta, e infelizmente o preconceito é muito forte, o racismo é muito forte. Por mais que hoje eu seja empoderada, que eu seja politizada, que eu sei que sou sujeito da minha história, que eu sou sujeito das feridas invisíveis que têm dentro de mim, a sociedade vai tentar me reprimir, vai tentar silenciar a minha voz. Eu não posso aceitar isso jamais. Eu preciso gritar cada vez mais alto. Ser sujeito da minha história é não aceitar que ninguém me silencie. É gritar cada vez mais alto, não gritar somente por mim, gritar pela sociedade oprimida, gritar pelo meu povo, principalmente pelo povo negro.

A gente não pode deixar ninguém contar a nossa história. Porque, se as pessoas forem contar a nossa história, elas não vão contar o que aconteceu. Ela não vai ter aquele sentimento de colocar aquilo que aconteceu com a gente. Somente eu posso falar das minhas feridas invisíveis. Então, eu aprendi. Hoje eu não vou contar uma história. Hoje eu sou a história. Eu virei a história. E não posso deixar ninguém segurar

a caneta da minha história na mão. A minha história sou eu que devo escrever. Hoje eu reescrevo a minha história todos os dias com o auxílio e a proteção de Deus – que, sem Deus, a gente também não é nada.

Se eu aprendi que eu sou sujeito da minha história, eu tenho que ensinar as outras pessoas que elas também são sujeitos de sua história, e que não podem se calar. Quantas barragens estão aí para se romper? A gente sabe que vai se romper. Que as pessoas aprendam a ser sujeito e aprendam a gritar antes que as barragens se rompam, que aprendam a reivindicar os direitos antes que as barragens se rompam. Em todo lugar que tiver uma barragem, que as pessoas tenham direitos. A preservar a sua vida, a ter uma moradia digna longe do perigo. O sujeito é coletivo. A gente não vira sujeito só para a gente. Tem uma causa muito grande atrás de tudo. Sempre tem uma história, sempre tem uma luta, uma demanda. Vai ser sempre coletivo. Até porque, por mais que a gente conquiste algumas coisas individuais, no todo é coletivo. Desde os tempos da bíblia, nunca foi ninguém sozinho, sempre era coletivo. Nenhum atingido hoje luta só pela sua comunidade, luta só pelo seu povo. Porque... quantas barragens se romperam e quantas barragens tão aí para se romper? A gente acaba lutando hoje não só pela bacia do rio Doce. A gente acaba lutando pelo Brasil.

## **2 Morte e vida na luta por saúde: a contaminação por rejeitos e, pá!, vem a pandemia**

O meu território foi destruído. Eu costumo dizer que aquela Simone do antes do 5 de novembro, infelizmente, ela só existe nas lembranças e nas fotografias. Porque ela foi obrigada a morrer, ser sepultada e se reinventar a partir do 6 de novembro, porque a filha dela começou a sentir vários sintomas, logo no dia 6. Foi uma resistência muito grande para provar que ela era atingida na área da saúde. Fui tachada de louca. As empresas marcaram psiquiatra, mandaram me entregar o papelzinho do dia da minha consulta, porque eu seria louca, batiam no peito e diziam: “nossa lama é inerte; a nossa lama é medicinal, vocês podem até comer e beber ela, porque louca é você, Simone”. Foi muita resistência. Continuo resistindo. Quem acompanha sabe da minha luta. Minha bandeira hoje é saúde. Eu milito por todas as áreas, mas a minha bandeira hoje é saúde.

Temos um coletivo que trata da questão da saúde dos atingidos. Então nós criamos o coletivo de saúde pra tratar da saúde dos atingidos, porque os governantes do municipal ao federal não estavam nem aí pra que que acontecia na vida dos atingidos, e continuam nem aí. Então nós criamos esse coletivo. Passamos a militar na

área da saúde. Continuamos militando. Porque não há uma política pública em saúde para os atingidos ao longo destes seis anos. Não porque nós não lutamos. Não porque os meus companheiros de movimentos sociais não estão lutando há mais de trinta anos. Todos lutam, mas a gente conhece o sistema capitalista, que nesse atual cenário ficou muito mais violento.

Temos laudos e mais laudos que indicam que a nossa cidade está contaminada. O nosso ar, o nosso solo, a nossa água. Respiramos 24 horas essa contaminação. No laudo que a gente recebeu, que foi uma luta também organizada do Coletivo de Saúde junto à população para que tivesse essa análise, tivessem esses estudos da confiança dos atingidos, no laudo diz que a população de Barra Longa corre risco iminente à saúde, que deveria se retirar o rejeito ou a população.<sup>2</sup> Mas nós temos esses laudos infelizmente engavetados e nada acontece. Não porque nós não militamos, não porque nós não lutamos, porque nós lutamos 24 horas.

Porque você é obrigado a estudar, obrigado a conhecer. Ao longo de seis anos eu já graduei, já pós-graduei e agora eu costumo dizer que estou fazendo doutorado da vida real que é ser atingida pela Vale, Samarco e BHP, até porque muitos de nós não temos a oportunidade de acessar as universidades, as faculdades... então, a gente faz isso na vida real. Eu já falo que até posso receber o diploma no que é ser atingido. Porque não é fácil. A gente vive na pele, vivencia.

Para você ir num espaço, canudo não tem, mas você é obrigado a deter um certo conhecimento à força. Nós aprendemos com muita dificuldade fazer a luta aqui. Quando nós aprendemos a fazer a luta no território, foi levado para as câmaras técnicas. Quando nós aprendemos nas câmaras, foi levado para o CIF – Comitê Interfederativo. Vocês não sabem o que é uma pessoa do interior – porque nós estamos no interior do interior – vergonhosa, como eu falei que eu era, tímida, ter que ir lá num CIF e bater com vários representantes encanudados, diplomados. Você, sem canudo nenhum, ter que debater com uma pessoa que contém o estudo da fala técnica. Mas a gente fez isso.

Você tem a sua agenda pessoal, a sua agenda de trabalho, a agenda de ser atingido. É muito mais complicado você dar conta. E muitas das vezes nós não temos acesso à tecnologia, não sabemos usar a tecnologia, não aprendemos, não tivemos tempo. Sabemos que a pandemia não é um problema meu, não é um problema de vocês,

---

<sup>2</sup> [N.E. Ver AMBIOS ENGENHARIA E PROCESSOS. Estudo de avaliação de risco à saúde humana em localidades atingidas pelo rompimento da Barragem do Fundão – MG. Relatório final. São Paulo: 2019.]

é um problema mundial. Mas enquanto atingido complica muito mais a sua situação. Porque o atingido só conquista espaço, só conquista direito com manifestação. E durante essa pandemia, para nós atingidos, não temos como fazer isso.

E com isso, nesse um ano, nós perdemos muitos direitos. Muitos e muitos direitos que já foram conquistados, inclusive na área da saúde, porque a gente viajava, a gente militava, a gente ocupava. Conseguimos com muita luta a aprovação do Plano de Ações em Saúde dos Atingidos de Barra Longa, construído pelos atingidos, com ajuda da assessoria técnica, com ajuda de muitos parceiros, conquistamos um plano lindo. Nenhuma outra cidade conseguiu construir um plano tão lindo igual o que nós construímos. Foi uma luta muito grande, muito forte, nas câmaras técnicas. Sem ajuda da prefeitura. A prefeitura entrou no meio do processo, mas quem conquistou o direito foram os atingidos.

Vem a pandemia. Pá!, a prefeitura vira contra os atingidos, retirou o direito dos atingidos, nós não temos mais participação de um plano que nós construímos. Que nós lutamos para construir. Infelizmente, hoje é só a prefeitura e seu juiz. Retirou todos os direitos. Tudo que nós conquistamos, que nós colocamos no plano de ações em saúde, porque a vítima sabe o que se passa, ela sabe o que ela necessita. Nós construímos um plano lindo, com atendimento médico, com medicamentos, com consultas, tudo.

A pandemia não é brincado, mas você imagine a pandemia para um atingido. Você imagine para nós que estamos respirando esse ar contaminado, que estamos cheios de metais tóxicos em nosso organismo, estamos muito mais debilitados e sem vacina. Tem um ano que eu não saio de casa porque minha filha é do grupo de risco. Tem inflamação no intestino e no cérebro proveniente da contaminação dos metais tóxicos.

E a prefeitura, que nunca nos ajudou, reúne com o juiz, senta lá no ar-condicionado, e tá achando lindo-maravilhoso o que tá acontecendo, e retirou os direitos. Hoje nós não temos participação. Hoje nós não temos mais o protagonismo no plano de ações de saúde que foi conquistado. Foi uma luta dos atingidos militando no território ao longo desses seis anos. Infelizmente nós não temos mais acesso, não temos mais voz, não podemos falar. Não porque não estamos resistindo, porque a gente resiste. O que mais o atingido faz é resistir, o que mais ele faz é ser resiliente. Infelizmente. Mas o poder está na mão do juiz e não está nas nossas mãos... então Barra Longa se organizou.

### 3 A lama que sobe morro e a justiça de portas fechadas

Quando vocês ouvirem que a empresa está reparando, pode ter certeza que ela está causando danos a terceiros. Tem alguém sendo prejudicado nesta reparação. A lama é retirada da parte nobre da cidade e é trazida para o alto do morro. Aqui a gente sofreu racismo ambiental. É o lixo, aquilo que não presta, que não tem serventia nenhuma, sendo levado para onde mora principalmente a população negra e a população de baixa renda. O rejeito – coisa que não serve – foi retirado da parte nobre da cidade e trazida para os altos do morro e para o parque de exposição, onde moram os negros, os pobres, as pessoas em situações vulneráveis. Em Barra Longa, a lama sobe morro nos caminhões das empresas, das mineradoras. Aquele maquinário todo aqui na nossa rua.

A lama chega na porta da sua casa, todo o calçamento histórico que tinha na sua cidade, na sua rua, aquela pedra, paralelepípedo, é retirado. Pra pegar o rejeito da beira do rio e colocar todo debaixo, fazendo um tapete, e colocar um bloquete por cima. Isso é reparação? Além de eu já ter o contato com o rejeito, o rejeito que está na minha cidade, está na porta da minha casa. Toda vez que chove aquela lama que tá debaixo sobe. Todas as vezes. Isso não é reparação.

Nessa reparação, da retirada da lama, toneladas e toneladas de rejeitos em cima dos caminhões trincaram nossas casas. Muitos de nós estamos no aluguel pelo fato de o processo da reparação ter trincado nossa casa. “Não, você é mentirosa, não foi isso não, essa trinca que tá na sua casa é psicológica, cê é doida”. “A sua casa tá trincada sabe por quê?”. No laudo vem escrito: “a sua casa não aguentou porque você utilizou material de má qualidade; você não usou nem engenheiro nem arquiteto na construção da sua casa”. É isso que tá escrito no laudo da empresa. Não tá escrito lá que é um crime em andamento.

Quando eu disse que Barra Longa é referência, é referência sim. Tanto é que o juiz não quer negociar com a gente. Porque tem assessoria técnica em Barra Longa. Odeia assessoria técnica dos atingidos de Barra Longa. Odeia a Comissão de Barra Longa, porque a gente não se ajoelha para o capitalismo, a gente não se ajoelha pra retirada de direitos.

Aconteceu na Bacia. Teve uma sentença.<sup>3</sup> Algumas comissões se organizaram e assinaram documento de retirada de direitos dos atingidos. São comissões que se

---

<sup>3</sup> [N.E. Sobre as implicações do “novo sistema indenizatório”, também chamado de “novel”, ver nota do Movimento dos Atingidos por Barragens: *Sobre a denúncia de ‘caça a atingidos’*

corromperam, infelizmente, ao longo do processo. São comissões que, essas sim, conseguem reunir com o juiz. Conseguem reunião a qualquer hora que eles quiserem, com seus advogados manipulados pelas mineradoras. Nós não conseguimos. Nós fomos obrigados a entrar neste processo também devido a outras comissões da bacia terem entrado. E chegaram os advogados aqui. Lá do Espírito Santo... Imaginem vocês aí. Vocês não viveram aqui ao longo de quarenta e três anos.

Tem quarenta e três anos que eu vivo aqui na minha região e conheço a minha região; tem seis anos que estou militando. Agora imagina um de vocês montar um escritório de advogados aí e chegar em Barra Longa e dizer assim: a partir de hoje sou eu que vou dizer quais são os danos de Barra Longa; quais são os danos vividos pela população ao longo destes 6 anos. Vocês imaginem isso. Pois aqui aconteceu. Advogado lá do Espírito Santo, lá da conchichina de Guandu, se organizaram e implantaram o processo aqui.

Nós não aceitamos as comissões que se autotitularam, que chegaram no meu território e no território e se dizem os representantes da região. Quando há a implantação desta sentença, que o juiz diz que é a melhor coisa que tem, as comissões se dividem e começam a atacar as comissões que estão resistindo. Muitos dos meus companheiros, até eu mesma, estou em uma lista aí. Muitos dos nossos companheiros estão tendo seus nomes divulgado em alguns grupos de *WhatsApp*: “olha, Simone mora lá em Barra Longa, rua tal, bairro tal”.

Tem uma companheira negra igual eu. “Ah, ela mora lá em Governador Valadares, rua tal, endereço tal; são elas que estão atrapalhando o processo; são elas que estão colocando o juiz pra ser investigado.” Quem dera que a gente tivesse esse poder todo. Mas nós estamos na berlinda pra morrer. Corremos risco de alguns de nós tombar, infelizmente. Nem é tombar, eu costumo dizer que tombar é uma coisa, mas você ser tombado é outra. Deitar na fileira, nas trincheiras da luta, por resistir a um processo, a um progresso que não é pra todos.

A justiça que deveria fazer a justiça para os atingidos, infelizmente, só dá martelada a favor das empresas. A justiça só abre a porta do seu gabinete, do seu ar-condicionado, para as empresas. Nós atingidos não conseguimos ter acesso à justiça, as portas da justiça não são abertas para o atingido respirar pelo menos um pouco do ar-condicionado, parar de respirar lama, porque a gente respira lama 24 horas.

---

*no processo de reparação da Samarco no Rio Doce (MAB, 2021) e o documento Carta Aberta de Juristas Brasileiros Sobre o Caso do Rio Doce, assinado por diversas entidades e dezenas de juristas.]*

E depois que saiu o antigo presidente da Renova, ele veio aqui na minha casa, conversou comigo e falou comigo assim: “olha, eles falaram que não era pra vir na sua casa, que você não ia me receber, que você ia me agredir, que não sei o quê”. Eu falei: “nós não somos bandidos; nós somos sujeitos, lutando por direito, para ser reconhecidos como sujeitos”.

Porque vocês veem aí na mídia: ó! milhões e milhões sendo gastos num intervalo do Jornal Nacional. Quem assiste televisão e vê jornal vai pensar assim: “nossa, não temos problemas, a vida dos atingidos ficou mil vezes melhor”. Porque assim que a Vale fala: “A vida dos atingidos voltou, melhorou cem por cento mais do que era, o atingido hoje vi-...”. Vive não! Vive não! São seis anos no território militando.

## Referências

AMBIOS ENGENHARIA E PROCESSOS. Estudo de avaliação de risco à saúde humana em localidades atingidas pelo rompimento da Barragem do Fundão – MG. Relatório final. São Paulo: 2019.

CARTA ABERTA DE JURISTAS BRASILEIROS SOBRE O CASO DO RIO DOCE. Disponível em: [mab.org.br/2021/04/28/carta-aberta-de-juristas-brasileiros-sobre-o-caso-do-rio-doce/](http://mab.org.br/2021/04/28/carta-aberta-de-juristas-brasileiros-sobre-o-caso-do-rio-doce/). Acesso em 03 jun. 2021.

MAB – MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. Sobre a denúncia de ‘caça a atingidos’ no processo de reparação da Samarco no Rio Doce. 26 abr. 2021. Disponível em: [mab.org.br/2021/04/26/nota-sobre-a-denuncia-de-caca-a-atingidos-no-processo-de-reparacao-da-samarco-no-rio-doce/](http://mab.org.br/2021/04/26/nota-sobre-a-denuncia-de-caca-a-atingidos-no-processo-de-reparacao-da-samarco-no-rio-doce/). Acesso em 03 jun. 2021.

---

### Simone Maria Silva

Professora da rede pública de ensino, atingida pelo rompimento da barragem de Fundão, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens em Barra Longa/MG.